De peão a rainha

“Sem a rainha o jogo se curva”

O mundo dos esportes foi criado por e para os homens.
Uma herança histórica que atravessou gerações, se espalhando por todas as culturas.
Durante séculos, às mulheres foi permitido apenas o movimento contido: danças, jogos domésticos, exercícios com fins religiosos ou de saúde.
Ingressar num espaço onde a visibilidade era quase exclusivamente masculina exigiu coragem, e mesmo sendo subestimadas, desestimuladas e desacreditadas, seguimos avançando!

…

“O gambito Englund parece inofensivo porém é mais que eficiente ”

O xadrez é considerado um esporte oficial desde 1999 pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), já que cumpre todos os critérios essenciais que definem uma prática esportiva: regras universais, preparação rigorosa, competições sérias e um altíssimo nível de exigência mental. Mesmo assim, o xadrez segue sendo ignorado. Desvalorizado, incompreendido, muitas vezes reduzido a um simples “joguinho”.

Primeiro, porque desafia o imaginário coletivo. Quando se fala em esporte, a imagem mais comum envolve suor, corrida, músculos em movimento. E o xadrez, silencioso, imóvel e cerebral, parece não ter lugar nessa definição como se pensar com intensidade não fosse também um ato físico, como se o cansaço mental não fosse legítimo.

Segundo, porque a mídia raramente o mostra. O xadrez não rende manchetes diárias, não atrai multidões nas arquibancadas, não é fácil de transformar em espetáculo. Só aparece nas telas quando algo grandioso ou escandaloso acontece.

Terceiro, porque quem assiste precisa entender para se envolver. No futebol ou no basquete, bastam cinco minutos para saber quem está vencendo. No xadrez, cada movimento carrega uma estratégia invisível, e quem não fala essa linguagem vê apenas duas pessoas olhando para um tabuleiro.

E se o xadrez já é invisível para muitos, o que sobra para as mulheres que o praticam? Num universo historicamente dominado por homens, em que a maioria dos grandes nomes

exaltados são masculinos, as enxadristas lutam por espaço, por respeito, por reconhecimento e muitas vezes, apenas para serem vistas. Se no esporte em geral já é difícil uma mulher brilhar, no xadrez a barreira é dupla, ser atleta de um esporte desvalorizado, e ainda, ser mulher dentro dele.

Não é irrelevante estar na casa inicial!

…

“Dominando o centro”

Eu tinha 14 anos quando joguei xadrez pela primeira vez.

Eram os jogos escolares, e eu precisava participar de ao menos um esporte para ganhar um ponto extra na média. Não fazia nem dois meses que eu tinha entrado naquele colégio. Eu era nova no estado, nova na cidade, nova em tudo…

Eu não praticava esportes. Nunca fui boa neles. Meus colegas se irritavam quando eu errava nas aulas de educação física,então gritavam comigo, me excluíam, faziam de tudo para me deixarem fora das equipes, bem *os garotos sempre eram os primeiros a ser escolhidos*; passei a sempre arranjar alguma desculpa pra fugir. Uma dor aqui, uma ausência ali. Mas agora… agora eu não tinha mais desculpa nenhuma.

Escolhi o xadrez porque achei que seria o lugar mais seguro para alguém como eu. Eu só não sabia que aquele tabuleiro ia mudar minha vida.

Logo aprendi. E logo percebi: naquela sala de xadrez, além de mim, havia apenas mais uma menina.

No início, não dei muita importância. Achei que não voltaria a jogar depois dos jogos escolares, então aquilo parecia só um detalhe.

Mas as coisas mudaram quando surgiu a oportunidade de aprender com um campeão goiano. Eu agarrei aquilo com tudo. E, sem perceber, o xadrez começou a me transformar em algo novo, em algo bonito, em algo que eu nunca pensei que poderia ser.

Me dedicava ao esporte com paixão. Finalmente, tinha encontrado um lugar onde eu cabia.

Só que aquela ausência feminina começou a me pesar. A sala pequena e gelada de xadrez carregava um silêncio que ia além das partidas, era a falta de vozes como a minha.

Foi no meu primeiro campeonato federado que esse incômodo se tornou impossível de ignorar.

Havia 25 garotos na minha subdivisão. E apenas quatro garotas…contando comigo. Mesmo diante das dificuldades, eu não desisti. O ambiente não era hostil, mas poderia, e deveria, ser muito mais acolhedor.

Nos campeonatos seguintes, eu era uma das poucas garotas do ensino médio (ao menos da minha escola) que se atrevia a participar. A maioria não dava prioridade a um hobby como o xadrez, então eu acabava jogando contra garotos pouco mais velhos, que praticavam desde criança e tinham muito mais experiência.

Aprendi muito durante aquele primeiro ano de dedicação. E, quando surgiu a oportunidade de liderar e incentivar outras pessoas a participar do campeonato, o professor pediu para eu ser a capitã da equipe. Mesmo em meio aos garotos mais velhos, mais experientes e até mesmo melhores que eu, dei importância. Com essa determinação, veio algo incrível: levamos o troféu para a escola.

Eu já não era um peão na casa inicial, e aprendi como dominar o centro.

…

“Um jogo só começa quando todas as peças estão em jogo”

No xadrez, assim como na vida, a partida só ganha força quando todos têm espaço para jogar**.**

No xadrez feminino, essa verdade pesa ainda mais no coração. Por anos, tantas jogadoras ficaram invisíveis, suas vozes caladas, seus talentos sufocados pelo silêncio. Como peças esquecidas no canto do tabuleiro, aguardando uma chance que parecia nunca chegar.

Mas o jogo só ganha vida quando cada uma delas encontra coragem para ocupar seu lugar, para se mover com sonho e determinação. Só então o verdadeiro desafio começa quando a esperança encontra espaço para avançar.

Precisamos abrir esse tabuleiro, estender as mãos e acolher cada jogadora que luta para ser vista. Precisamos reconhecer seu valor, dar luz às suas histórias, oferecer apoio e respeito que por tanto tempo lhes foi negado.

Porque a partida só estará completa quando nenhuma peça for deixada para trás, quando todas tiverem a chance de brilhar, de mostrar a força que carregam dentro de si.

Ainda há quem jogue na defensiva, pois só fomos atacadas. Sacrifícios foram feitos para chegarmos perto da casa final. Torres e cavalos foram engolidos feito a maré, mas seguimos avançando, mesmo quando só restava o rei e um sonho.

…

“ De peão a rainha”

Começar como peão não é vergonha, é estratégia. O peão parece frágil, limitado, quase invisível, mas cada passo à frente é um movimento de coragem. Cada vez que você avança, diz ao mundo: ‘me subestimaram, mas eu posso mais’.

E então vem a mágica: a oitava fileira. É ali que o peão se transforma em rainha. Não é só sobre chegar lá, é sobre todas as pequenas batalhas que o levaram até o topo. Cada lance errado, cada dúvida, cada desafio vencido tudo se transforma em poder. Como o peão que virou rainha não esquece de onde veio, ele sabe que a força está na persistência, não só na posição.

No xadrez e na vida, ser peão não significa ser menos. Significa aprender a jogar o jogo, descobrir movimentos que ninguém esperava, preparar o terreno para chegar mais longe do que ninguém imaginou. E quando você se torna rainha, percebe que não é só sobre o poder de um lance é sobre inspirar todos os peões a sonhar com a própria oitava fileira.

Então, meninas, avancem. Mexam-se com coragem, capturem oportunidades e lembrem-se: o peão que acredita em si mesmo pode virar rainha e transformar toda a partida!

CHECK - MATE